

“ASSIM DIZIAM OS ANTIGOS”: USOS E MÉTODOS DA HISTÓRIA ORAL

José Luiz Xavier Filho¹

Resumo: Ao assumir-se como manifestação contemporânea, a história oral mantém vínculo inevitável com o imediato e isso obriga reconhecer o enlace da memória com modos de narrar, estabelecendo vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins. Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é a através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegam aos dias atuais. O nosso objetivo é construir a história do Quilombo Sambaquim, através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros da comunidade assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados, e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade e ancestralidade de seus moradores.

Palavras-chave: História oral; Quilombo; memória; ancestralidade.

“THAT THE ANCIENTS SAID”: USES AND METHODS OF ORAL HISTORY

Abstract: By assuming itself as a contemporary manifestation, oral history maintains an inevitable link with the immediate, and this requires recognizing the link of memory with ways of narrating, establishing links with the identity of the interviewed group and thus refers to the construction of similar communities. Analysing the quilombola community is taking a trip and venturing into their narratives, as it is through oral tradition that the knowledge of their ancestors is preserved. These lines are transmitted from one generation to another, and that is how they arrive today. Our objective is to build the history of the Quilombo Sambaquim, through the va-

¹ Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), especialista em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e em História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (UPE), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9088-8610>, E-mail: jlxfilho@hotmail.com. <https://doi.org/10.53930/348517>

lorisation and appropriation of the narratives told by the members of the community as well as its historical legacy, making an analogy between its slave past, the story about its ancestors, and the present time of community, in view of the contributions established in the construction of the identity and ancestry of its residents.

Keywords: Oral History; Quilombo; Memory; Ancestrality.

INTRODUÇÃO

Um grande desafio para a comunidade de historiadores, antropólogos e sociólogos que se propõe a reconstituir testemunhos e histórias de vida, utilizando a metodologia da história oral, consiste na definição do que seja a própria história oral.

Na verdade, nenhuma história, conquanto processo e construção da trajetória da humanidade ao longo dos tempos, é oral. A história da humanidade, em sua realização, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como estão.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões; factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (Delgado, 2010).

De acordo com José Carlos Sebe Meihy e Fabíola Holanda (2014) entre muitas outras questões, os conceitos e as definições são algumas das que povoam a cabeça de quantos se preocupam em entender o papel da história oral como forma de pensar a sociedade contemporânea. Valendo-se de diálogos gravados, as percepções da vida social são registradas de maneira a se constituir em fontes ou documentos que, contudo, devem ser considerados desde sua origem.

O ponto de partida das entrevistas em história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expres-

sões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos. Ainda de acordo com Meihy e Holanda (2014), entrevistas em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral.

Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral sem sentido estrito (Meihy e Holanda, 2014, p.13).

Então, a entrevista em história oral é uma fórmula programada e responde à existência de projetos que a justificam. Convém lembrar que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada. Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais, que na maioria das vezes não têm registros verbais garantidos em gravações, pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral.

A existência de um grupo de pessoas a serem entrevistadas é condição para a realização de uma pesquisa em história oral. Ou seja, o que deve ficar firmado, porém, é que a história oral não se faz sem a participação humana direta, sem o contato pessoal. Olhar nos olhos, perceber as vacilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro pelas máquinas, que se limitam a guardar vozes, sons gerais, e imagens.

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros/pretos, desempregados, pessoas com necessidades especiais, além de migrantes e imigrantes e exilados, têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circuns-

tâncias. Uma questão bastante relevante para quem se propõe a entender o papel da história oral diz respeito ao seu impacto nos narradores e em suas comunidades imediatas. Isso recobra significado quando se leva em conta que no mundo globalizado a fragmentação da individualidade é um fenômeno coerente com a incapacidade rotineira de “se narrar” (Meihy e Holanda, 2014).

Nesse sentido, história oral é sempre social. Social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Por, também, dar voz a setores desprezados por outros documentos, a história oral ganha significado ao filtrar as experiências do passado através da existência de narradores no presente. Isso, além de propor alternativas de diálogos com outras versões historiográficas e documentais.

O meu interesse pelo Quilombo Sambaquim² nasce de duas interferências na trajetória da pesquisa: a primeira, quando localizo a comunidade, fortuitamente, em 2009, início da minha graduação em História e o lugar tornar-se, para mim, ponto de encontro com os moradores e um espaço de estudos. A segunda é quando o secretário de cultura de Cupira faz referência à comunidade em um discurso proferido em 2012: “Temos descendentes de escravos vivos, é a própria história do Brasil sendo contada”. E nesse andar da carruagem, eu já estava pesquisando mais a fundo e foi objeto da minha monografia e logo depois de outros trabalhos acadêmicos.

Partindo desse princípio, compartilho com vocês o caminho teórico e metodológico que tomei e como me aprofundi cada vez mais nesse campo de estudo, dar vez e voz a ótica negra da história. Decidi usar a primeira pessoa na introdução desse texto para nos deixarmos mais íntimos e que vocês possam entender como é sensível e mágico trabalhar com comunidades quilombolas e as tradições orais desses grupos.

² O Quilombo Sambaquim está localizado no município de Cupira, pequena cidade do agreste do estado de Pernambuco, Brasil. Foi inserido no município em 1959, data da emancipação política da cidade. Até então, Cupira era uma vila pertencente ao município vizinho, Panelas. Nesse mesmo ano, com as novas limitações geográficas, o sítio que leva o mesmo nome da comunidade quilombola foi anexado aos limites territoriais de Cupira. O quilombo dista da zona urbana cerca de 4 km, um trajeto curto, mas o acesso torna-se difícil, devido à estrada ser de terra.

CAMPO METODOLÓGICO

Um historiador que trabalha com tradições orais deve convencer-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de tradição oral. A tradição deve ser definida, de fato, como um testemunho, transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas ou afrodescendentes.

A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. As tradições desconcertam o historiador contemporâneo, imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida, pelo simples fato de bastar à compreensão a repetição dos mesmos dados em diversas mensagens.

As tradições requerem um retorno contínuo à fonte. Ele deve ser escutado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados, ao mesmo no caso de se tratar de uma elocução importante. O historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente, refletir para embrenhar-se numa representação coletiva, já que o corpus da tradição da memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma. O historiador deve iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições.

O problema que estas comunidades contemporâneas enfrentam com as mudanças estruturais e institucionais se constitui no isolamento cultural, isto é, a interação do indivíduo com a sociedade pressupõe sua identidade, ou seja, o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2003). A não

preservação dessa cultura levará ao esquecimento e a exclusão de registros importantes da cultura afro-brasileira e da identidade de um povo.

O Quilombo Sambaquim, localizado no município de Cupira, pequena cidade do agreste do estado de Pernambuco, Brasil, como muitas das comunidades quilombolas da região, sofre com descasos públicos, como por exemplo, a falta de recursos e a desvalorização cultural. E esse, foi mais um fator que nos condicionou a pesquisar a comunidade.

Os diálogos aqui inseridos são muito mais valiosos do que mera descrição. São registros históricos de um povo, que por muito tempo foi silenciado pela sociedade da qual faz parte. Nossa função como historiador é levar adiante a pesquisa, tecendo a trajetória histórica do Quilombo Sambaquim, através de suas memórias, tradições e manifestações culturais.

O quilombo dista da zona urbana cerca de 4km, um trajeto curto, mas o acesso torna-se difícil, devido à estrada de terra, porém, não interferiu em nosso propósito. Tivemos algumas dificuldades, como os empecilhos políticos, as fontes (documentos) escassas e outras que não nos foram cedidas.

O objetivo desse trabalho também é mostrar como construir a história de comunidades quilombolas através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros da comunidade, enfatizando as memórias e tradições orais, assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados, e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade negra de seus moradores³.

Nosso recorte temporal consiste num espaço de 73 anos, que vai de 1946 a 2019. Essa escolha foi baseada na média da idade dos entrevistados. Nossa principal fonte são as histórias narradas: contamos com 9 entrevistas, entre

³ O que podemos refletir é que o historiador do tempo presente, como qualquer outro historiador, não pode ter a ingenuidade de querer fazer uma história objetiva ou neutra, no momento em que a afetividade com o tema é também latente na pesquisa, no trabalho. Neste sentido, o historiador do tempo presente deve fazer a crítica interna ao documento, procurando não deixar que a paixão pelo tema interfira diretamente em sua pesquisa, seu cuidado deve ser o de não cair numa reconstrução pessoal da história. Daí a importância de sabermos onde estamos pisando, em se tratando da história do presente, campo muito fértil para a pesquisa histórica, mas, por ser novo, requer muito empreendimento do historiador que a escolhe (Amaral, 2011).

homens e mulheres. Nosso narrador mais antigo tem 95 anos de idade⁴, e o mais jovem 34. Há uma ênfase nas narrativas dos mais velhos, acreditando que, dessa forma, podemos extrair histórias mais antigas, contadas por esses personagens, a respeito do quilombo e dos seus antepassados. Foram histórias contadas sobre a comunidade, sobre suas próprias vidas e de seus ancestrais e sobre as questões territoriais.

Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é a através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegamos aos dias atuais. Percebemos que nenhuma outra alternativa para estudar a fundo a história em Sambaquim teria a validação sem que nos apoiássemos nessa herança de conhecimentos.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, tradição oral (Vansina, 1980, p. 157).

As tradições são de suma importância para a preservação dos saberes da comunidade. Nesse ponto, ela foi essencial por ser uma base única e que vem direto da nossa maior fonte de pesquisa: as informações cedidas pelos quilombolas. É sua história e sua memória sendo narrada com protagonismo e que faz parte da prática social dos moradores da comunidade, principalmente no repasse das tradições dos mais velhos aos mais novos.

É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tendo, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume. [...] Consideramos que a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição (Hobsbawn, 2008, pp. 11-12).

⁴ Lembrando que as entrevistas foram realizadas no ano de 2019.

A vivência do cotidiano é uma das fontes mais ricas para a construção de um estudo sobre a memória de um povo e das suas relações sociais com o meio em que vive e as sociedades urbanas contemporâneas. Foi a partir das memórias dos moradores que tivemos a condição de conhecer um pouco mais a respeito da comunidade e descobrir aspectos relativos a ela, como sua origem, a origem de seu povo, as tradições mantidas, a identificação do indivíduo como um quilombola e a organização comunitária. Nossa perspectiva era entender a comunidade através da oralidade.

Então, a memória é mais do que apenas uma experiência ou vivência individual armazenada, ela faz parte de um conjunto: pessoas e meio. O acesso à memória individual enriquece a pesquisa em caráter biográfico, a identidade de um indivíduo; já a contribuição da memória coletiva, ela nos dá uma amplitude de contexto social, no caso do quilombo, as relações entre os membros. Por isso nos apropriamos das ideias de Halbwachs (2003). Ele nos serve de referência, devido ao valor dado à memória coletiva:

É possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordarmos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos a distância, essa pessoa ainda recebe sua influência (Halbwachs, 2003, pp. 41-42).

O quilombola precisa ser ouvido. Essa narrativa é uma fonte essencial numa comunidade sem escrita, principalmente entre os membros mais velhos. É necessário conhecer a sua história e as relações sociais através da fala.

Além das narrativas, elaboramos e seguimos um roteiro com 22 perguntas produzidas com um direcionamento focado do que queríamos estudar e assim poder desenvolver nosso estudo. Perguntas sobre a vida pessoal do quilombola e da comunidade. Conceitos do que é quilombo, ser quilombola, negritude, ancestralidade, territorialidade, formas de trabalho e os aspectos culturais da comunidade, nos forneceram embasamento para entender o quilombo.

Quando decidimos realizar as entrevistas, a princípio, procuramos os mais idosos da comunidade, por considerar que tenham mais experiência de vida e poderia nos proporcionar maior quantidade de fatos através de suas memórias, mas nem sempre o fato de “querer falar” significava dizer que “estivessem em condições físicas e mentais de empreender a tarefa que lhe seria solicitada” (Alberti, 2005, p. 30). A memória do indivíduo é seletiva, é falha e com o avanço da idade pode ser tornar um ponto de dificuldade e interferir na memória do indivíduo e isso foi percebido nas entrevistas, por meio de alguns lapsos, perguntas que ficaram sem respostas.

Foi importante também para esse estudo, para nós que trabalhamos com as questões relacionadas a memória histórica, social e cultural, os ensinamentos de Michael Pollak (1989; 1992), pois, para o autor, o depoimento oral tem o mesmo valor que um documento escrito enquanto fontes para pesquisa, cabendo a nós, pesquisadores, desenvolver metodologias para analisar e criticar as narrações.

É importante salientar que a história oral não é solução para tudo, convém ter claro onde ela pode ser útil e delimitar sobre o que vale a pena perguntar. Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas (Alberti, 2004).

Muitos pesquisadores que trabalham com história oral acham-se imbuídos da missão de construir memórias, sem atentar para o próprio processo de sua constituição, que muitas vezes oferece material riquíssimo de análise. Sendo assim, utilizamos as teorias de História Oral de Verena Alberti (2004; 2005), que, segundo a autora, através da entrevista pode-se alcançar aquilo que se deseja na memória do indivíduo. Ela divide-a em dois tipos: entrevistas de vida ou temática.

[...] as entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio

indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou e se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas temáticas. (Alberti, 2005, p. 37).

Entrevistas de história oral de vida ou temática transmitem tradições culturais, que vão surgindo à medida que o entrevistado delas se lembra, nesse sentido, como nosso foco são os quilombolas, obtivemos relatos riquíssimos em: histórias da comunidade, canções, poemas, provérbios, modos de falar do grupo, reminiscência sobre antepassados e sobre territórios, informações transmitidas de geração em geração e sobre a construção da identidade do ser quilombola.

No que consiste em entender as questões de identidade negra, os dois tipos de entrevistas são fundamentais. As entrevistas de vida fornecem dados sobre suas experiências pessoais, como se deu a construção do sujeito como negro e quilombola, fazendo alusão a sua história com o meio e suas relações com a comunidade. Já a temática nos fornece subsídios para entender as relações do ambiente como um todo, o conjunto de valores da comunidade, tradições, festas, costumes, o cotidiano da sociedade. Lembrando o quão importante é o diálogo do quilombola consigo mesmo, desde sua infância ao relacionamento com seus antepassados.

A etapa de transcrever as entrevistas tem grande importância: é o momento de voltar a Sambaquim através das falas, ter contato direto com o objeto de pesquisa, escutando suas histórias. Reforça o comprometimento com a memória dos quilombolas e respeito quanto aos seus desejos. Foi através dos estudos da oralidade que pudemos estabelecer as relações entre o passado e a contemporaneidade.

Para complementar nosso aporte teórico sobre História Oral, utilizamos os conceitos de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2014), que trazem ideias abrangentes a fim de facilitar o aprendizado e ampliar os debates sobre como abordar: memória, identidade e comunidade, matérias-primas da história oral.

As histórias foram contadas e os diálogos registrados por meio da gravação, assim, nos forneceram material necessário para transcrever e socializar

os seus pensamentos no que diz respeito sobre a ideia de construção do sujeito quilombola. Logo, a História Oral “ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins” (Meihy e Holanda, 2014, p. 14).

NARRATIVAS E ANCESTRALIDADE QUILOMBOLA

Estivemos inúmeras vezes dentro da comunidade, conhecendo o número máximo de moradores possíveis e compartilhando, junto deles, de cada conversa e história contada, algumas em formas de entrevistas, as quais foram úteis para o desenvolvimento desse artigo, outras, de formas esporádicas que serviram para ganhar a amizade e confiança dos membros, que, a priori, tiveram uma leve resistência em conversar conosco, pois, não éramos os primeiros a pesquisar dentro da comunidade, e segundo eles, não trouxeram “nada de volta” a ela.

Acreditamos que esses diálogos foram fundamentais para os objetivos que aqui foram propostos, visto que a fonte oral é a base desse trabalho, a interação pesquisador e quilombola, nos deu subsídios para traçarmos e tecermos o plano metodológico que apresentamos. Essa estratégia foi necessária no sentido de que nos ajudaram na investigação e coleta dos dados que queríamos, entender como se deu o processo da construção da identidade negra do quilombo. Sobre o negro no pós-colonialismo, utilizamos como referência Boaventura de Souza Santos (1993; 1999; 2003). Sobre a construção da identidade negra, trabalhamos com as referências de Stuart Hall (2003; 2014a; 2014b; 2015).

Especificamente, em Sambaquim, o reconhecimento de “ser quilombola” se tornou mais evidente dentro do grupo depois do reconhecimento de comunidade remanescente de quilombos. A titulação, para eles, é o marco de que de fato eles são quilombolas, como se a documentação trouxesse a oficialização. Mesmo eles trazendo consigo, em suas memórias, os ensinamentos deixados pelos seus ancestrais, a certeza de ser quilombola não estava ligada a terra herdada ou apenas a cor da pele, eles precisavam de algo documentado que provasse.

O ponto principal das nossas investigações é o limite étnico que define o grupo até onde alcança sua memória, portanto o que há de comum. Dentro desse contexto, de acionar ao passado, que nos permitiu entender e legitimar suas formações sociais e sua inserção dentro das políticas regionais com base em sua identidade quilombola. Segundo Dimas Silva:

Os quilombos são como núcleos de resistência contemporâneos, onde o uso e a posse de suas terras se realizam numa simultaneidade de apropriação comum e privada dos seus territórios secularmente ocupados, onde desenvolvem práticas culturais, religiosas, de moradia e trabalho, se afirmam enquanto grupo a partir de fidelidade às suas próprias crenças e noções de regras jurídicas consuetudinariamente arraigadas, atribuindo-lhes o papel de *grupo étnico* elemento fundamental formador do processo civilizatório nacional (Silva, 1995, p. 98).

Logo, a identidade histórica da comunidade surge como resposta a atual situação vivida por eles, quer seja por critérios de exclusão social ou pertencimento, confronto com grupos vizinhos ou ao município ao qual o quilombo está inserido, problemas econômicos, descasos políticos ou problemas com o território que ocupam (O'Dwyer, 2002). Dentro da comunidade, constantemente em nossas entrevistas, o quilombola se locomovia no ato da fala, como se o espaço ativasse algo em sua memória quando dizia “aqui os antigos se reuniam”, portanto, apontamos essa interação dos entrevistados com o meio em que vive, como uma construção ou, como aponta o autor citado, “refabrição” de sua história com a que foi passada para ele, através da tradição oral do quilombo. Nessa ótica, Neusa Gusmão afirma:

A memória é o caminho pelo qual os grupos percorrem os espaços da vida e constroem a imagem de si e da terra particular, no tempo (...). O mundo camponês, como universo próprio de coisas e signos, práticas e rituais, públicos e privados, individuais e coletivos, tem a oralidade como forma de preservação e sustentação desse mundo e busca nela os instrumentos de sua luta (Gusmão, 1995, p. 71).

Ligamos este ponto da memória ancestral ao lado da oralidade da comunidade que pela prática, regula a conduta dos membros do quilombo. Suas características familiares e culturais são moldadas à memória dos seus antepassados. Chegamos então a um ponto compatível dos diálogos recolhi-

dos através das entrevistas, encontramos uma ancestralidade em comum nas falas quilombolas. Sobre os primeiros povoadores, podemos notar em quase todas as entrevistas, e os que souberam responder, que a origem do povo em Sambaquim é ligada a Família Cosme Lira e a Família Lourenço, são as famílias mais antigas e que têm um tronco hereditário extenso. A comunidade em si é quase toda formada por parentes, primos, tios, o que remete a quase uma única linhagem. Um dos moradores mais antigos, Ulisses Francisco da Silva, 91 anos, nos respondeu:

Os primeiros que moravam? Já morreram tudo. O mais antigo que tinha era meu avô, Miguel Cosme de Lira, adepois, João Nicolau, que era meu sogro, e os troncos mais véi, meus tio, era, Francisco Cosme, a família Cosme. Um monte, tudo da família dos Cosme.

Fato este reafirmado por outro morador: José Joaquim da Silva, 74 anos:

Foi muito... Eu vou começar lá de Sambaqui, começar logo de lá, dos que eu conheci, tio meu de conhecido dos véi, que eu conheci, é assim que o senhor quer saber, dos mai véi, dos mai antigo, um foi Chico Miguel, Francisco Miguel, o pai de Ulisses, óia, o pai de Antônio Chico, era tio meu, o outro, Tio Cassiano de Cosme Lira, era primo de pai, eu pedia a bênça a ele, o outro, o avô... bisavô dessa menina, Manoel Nicolau, irmão do meu avô, outro, tinha muita gente né, Francisco Lourenço, o pai de Manoel Lourenço, e Antônio Lourenço, finado Antônio Lourenço. Outro, aquele menino, Tio Miguel Cosme, Tio Cícero Cosme, Tio Antônio Cosme, foi dos velho que eu conheci ele, tudo família de pai, tudo família da gente isso aí.

João Miguel Filho, 71 anos, conhecido na comunidade como mestre da mazurca⁵, um dos membros mais ativos do quilombo, se propôs a conversar conosco e compartilhar tudo que sabia.

Eu não vou dizer os primeiros porque a família foi Miguel Cosme, Francisco Cosme, foi finado, meu pai já é raiz, meu pai é João Miguel da Silva, finado Francisco Miguel que era amigo do meu pai, era muito velho, Antônio Miguel, finado João Francisco, que era tudo família dos Cosme. [...] tudo era gente ali que eu conhecia. Finado Joaquim Inácio, que foi dos primeiros fundadores, era inspetor nessa época por lá, o povo não gostava

⁵ Título dado ao repentinista da dança de roda tradicional do Quilombo Sambaquim.

dele, o povo não gostava né, o povo por lá de Sambaquim, finado Manoel Mandu, mas já era no sítio novo, não era mais no Sambaquim. Mas a raiz de Sambaquim mesmo era a família dos Cosme, Cosme Lira, fiando Miguel Cosme Lira.

Antônio Francisco de Lira, 92 anos, nos forneceu a informação que o seu pai foi um dos primeiros povoadores de Sambaquim, as terras pertenciam ao seu pai, “Eu sei que aqui foi do meu pai. Foi tudo de pai essas terras por aqui” e que por conta disso, receberia a homenagem por parte do município, tendo seu nome dado à escola do quilombo. No entanto, a inexistência de fotografias de sua pessoa fez com que outro morador antigo recebe a homenagem, que foi Francisco Lourenço.

Tinha um véi que morava acolá, chamado Francisco Lourenço, Aí quando fizeram esse colégio aí colocaram uma foto dele aí. Iam colocar o nome do pai, mas pai num tinha foto (Antônio Francisco Lira, 92 anos).

Essa transmissão de conhecimento que foi passada para a geração atual do quilombo é um fator importante para a perpetuação das histórias, costumes, os aspectos culturais da comunidade. Vale ressaltar que a estrutura familiar e as moradias dos avós funcionam como um instrumento da construção e herança dessa história, pois, é muito comum netos e bisnetos passarem o dia na casa dos seus avós enquanto os pais trabalham na agricultura ou na cidade.

Os quilombos se constituem em comunidades construídas em torno da tradição oral. Isso também é uma característica herdada dos povos africanos tradicionais, os quais não possuem registros escritos sobre suas histórias, lendas, mitos. Tudo é repassado pela oralidade. Dessa forma, a transmissão de conhecimento que foi passada para a geração atual do quilombo, é um fator importante para a perpetuação das histórias e dos costumes da comunidade.

Logo, com essa construção identitária, a comunidade passou a valorizar mais a cor e a não se ver tão inferiorizada. Aprendeu a valorizar mais suas raízes, perpetuou as histórias contadas pelos seus ancestrais e luta para deixar viva suas manifestações culturais. Trata-se de uma história que deve ser compreendida através de um novo olhar, o quilombola como protagonista.

Vale ressaltar também, que os laços de parentescos firmados e a territorialidade são pontos em comum e que fortificam a identidade da comunidade, pois tais aspectos são assumidos pelos próprios moradores que entrevistamos e identificam que são pertencentes ao lugar que herdaram dos seus pais, e, afirmam, que é de suma importância permanecerem onde estão suas raízes.

No quilombo Sambaquim, aos poucos, os moradores vão dando um novo significado as suas lutas. A condição “remanescente” apresentou para a comunidade a garantia sobre o direito de suas terras, voz política e a continuidade de suas manifestações artísticas, que agora ganharam maior visibilidade para a sociedade cupireense. O processo de reconhecimento intensificou os diálogos sobre memória e a história da comunidade, atribuindo dessa forma, uma nova simbologia ao seu passado, exaltando as tradições deixadas pelos seus ancestrais, como por exemplo, a música e principalmente a dança tradicional do quilombo: a dança da mazurca.

É notório relatar que dentro da parcela mais jovem, especificamente os alunos do ensino fundamental dos anos finais, do 6º ao 9º ano, um discurso mais politizado sobre as definições de quilombo, estas estudadas em sala de aula, o que nos leva a crer que a Lei 10.369/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira, está sendo aplicada na escola municipal que existe dentro do quilombo. Entre os membros, durante as entrevistas, existiam os que concordavam que a escola está contribuindo na valorização da cultura local, e outros que não concordaram e acham que ela poderia fazer mais. Observamos um papel ativo da escola no preparo para as festividades da semana da consciência negra.

Não nos dedicamos provar a existência do quilombo Sambaquim. Trouxemos à tona os diálogos decorrentes de suas memórias individuais e coletivas, as tradições deixadas pelos seus ancestrais e a construção da sua identidade negra na contemporaneidade, buscando conhecê-los mais de perto oferecendo assim, uma contribuição historiográfica sob uma ótica negra. Compactuamos com a ideia de Flávio Gomes, quando ele diz:

Não é só a questão de encontrar os quilombos na documentação. Eles estiveram sempre lá e foram inúmeros. Nossa proposta de estudo tem sido mergulhar nos universos em que viveram os

quilombolas e se formaram os quilombos. Tentamos escapar às armadilhas analíticas sobre os quilombos que enfatizam o eixo de sua formação-destruição (Gomes, 2005, p. 32).

Por fim, ser quilombola em Sambaquim, atualmente, é motivo de orgulho. A identidade negra da comunidade e a valorização recente da cor proporcionaram uma autoestima elevada na comunidade, mesmo diante das dificuldades, as questões identitárias e as expressões culturais sobressaíram à episódios de discriminação racial que o grupo sofreu por muito tempo, e ainda sofre, mas que não deixaram de lutar por um espaço político e de representatividade na sociedade.

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder a oralidade a mesma confiança que se concede a escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. Nesta pesquisa, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.

Para Meihy e Holanda (2014), os grupos ágrafos que sofrem processo de dominação adaptam suas tradições na necessidade de criar mecanismos de sobrevivência. A tradição oral revela as estruturas e comportamentos dos grupos, bem como a noção de passado e presente. Os casos de tradição oral implicam o uso do que se chama de narrativas emprestadas. Como para a explicação do presente a tradição oral necessita da retomada de aspectos transmitidos por outras gerações, dá-se o empréstimo do patrimônio narrativo alheio, quase sempre herdado dos pais, avós e dos idosos.

A história oral direciona a construção desta pesquisa no que se refere aos entendimentos e as interpretações da memória, por proporcionar através das entrevistas a abrangência de elementos históricos e culturais. Os primeiros contatos com o Quilombo Sambaquim foram como uma forma de apresentação e conhecimento, sem pretensões iniciais de desenvolvimento de um trabalho

científico, justificando-se assim, a ausência de um projeto de história oral como requer a ABHO (Associação Brasileira de História Oral): projeto formal, cartas de cessão e autorizações formais de cada entrevista. Entretanto, sempre houve apresentação dos objetivos, além da permissão relativa às gravações de todas as entrevistas.

As primeiras entrevistas constituíram-se, estritamente, com base e, roteiro e de forma livre, deixando que novas perguntas e respostas surgissem ao longo do processo. Foram entrevistados quase todas as famílias e seus entes, individualmente. Logo, entre os moradores, surgiam os detentores da memória da comunidade. As falas foram respeitadas em absoluto. Aqui, a História oral foi utilizada como instrumento metodológico na coleta das entrevistas, possibilitando uma maior visibilidade a história da família e do grupo, estabelecendo os padrões e as principais mudanças no decorrer do tempo, do lugar e das sucessivas gerações. Obviamente, logo em seguida, voltamos a comunidade e realizamos formalmente as entrevistas de vida e temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente. A temporalidade, ou seja, a relação entre múltiplos tempos, também é inerente ao documento produzido.

Nele estão presentes o tempo passado pesquisado, os tempos percorridos pela trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente que orienta e estimula tanto as perguntas do entrevistador que prepara o roteiro do depoimento como as respostas a essas indagações (Delgado, 2010).

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de formação explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano

cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. É no processar da memória que estão presentes as dimensões do tempo individual (vida privada – roteiro biográfico) e do tempo coletivo (social, nacional, internacional).

Também é usual que depoentes, estimulados pelas entrevistas, recorram a velhas relíquias ou a antigos guardados, encobertos pela pátina do tempo, como fotos, objetos, jornais, discos, cartas, poemas, entre outros recursos, que possam contribuir para tornar o ato de lembrar mais vivo. Os entrevistadores também podem incentivar com estímulos externos para que a memória flua com maior facilidade, ou mesmo seja ativada, já que é um processo vivo, atual, renovável e dinâmico. Constitui-se no diálogo do presente como o passado. Um diálogo vivo e enriquecido por estímulos que podem se fazer presentes no próprio decorrer do processo de gravação do depoimento oral. História, tempo e memória são processos interligados.

Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje. Portanto, a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa. Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

Enfim, a produção de documentos orais realiza-se no presente em franco diálogo com formas múltiplas de saber. Os historiadores envolvidos nessa complexa tarefa reconhecem o direito dos homens à consciência de si mesmos como sujeitos da História, à cidadania e às identidades individual e coletiva. Compartilhamos com vocês, leitores, este breve relato metodológico da pesquisa sobre o imaginário e os simbolismos que aplicamos e investigamos na comunidade quilombola de Sambaquim em torno das suas próprias histórias com a herdada pelos seus ancestrais. Que esta narrativa aqui apresentada contribua para os estudos que serão cada vez mais aprofundados sobre o quilombo e o autoconhecimento dos moradores.

REFERÊNCIAS

- Alberti, Verena. (2004). *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- Alberti, Verena. (2005). *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- Amaral, Elane C. (2011). Subindo a serra, descendo a história: memória e identidade cultural na comunidade remanescente de quilombo Grilo-PB (1930-2010). *Dissertação (Mestrado em História)*, PPGH – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba.
- Delgado, Lucilia de Almeida Neves. (2010). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gomes, Flávio dos Santos. (2005). *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII-XIX)*. São Paulo: UNESP; Pólis.
- Gusmão, Neusa Maria M. de. (1995). *Caminhos transversos: território e cidadania negra*. In: ABA. Terra de quilombos. Rio de Janeiro.
- Halbwachs, Maurice. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Hall, Stuart. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- Hall, Stuart. (2014). Quem precisa da identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, Stuart. (2014). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, Stuart. (2015). Notas sobre a desconstrução “do Popular”, In: Storey, John Storey (Org.). *Teoria cultural e cultura popular: uma introdução*. São Paulo: SESC.
- Hobsbawm, Eric. (2008). Introdução: a invenção das tradições In: Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Meihy, José Carlos Sebe B; Holanda, Fabíola. (2014). *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- O’Dwyer, Eliane Cantarino. (2002). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV.
- Pollak, Michael. (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos.

Rio de Janeiro, v. 2, a. 3, pp. 3-15.

Pollak, Michael. (1992). *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, a. 10, 1002, pp. 200-212.

Santos, Boaventura Sousa. (1993). *Modernidade, identidade e cultura de fronteira*. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): pp. 31-52.

Santos, Boaventura Sousa. (1999). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.

Santos, Boaventura Sousa. (2003). *Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e Conhecimento*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 2, jul./dez., pp. 5-23.

Silva, Dimas Salustiano da. (1995). *Constituição e diferença étnica: o problema jurídico das comunidades negras remanescentes de quilombos no Brasil*. In: ABA. *Terra de quilombos*. Rio de Janeiro.

Vansina, J. (1980). A tradição oral e sua metodologia. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org.). *História Geral da África I – Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/Unesco.

FONTES ORAIS:

Filho, Otávio Miguel. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

Lira, Antônio Francisco de. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

Silva, José Joaquim da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

Silva, Ulisses Francisco da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.